

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

BEATRIZ BARBOSA MILANI

**ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DO DESENHO INFANTIL: ESTUDOS INICIAIS
A PARTIR DE LUQUET E IAVELBERG**

MARINGÁ
2020

BEATRIZ BARBOSA MILANI

**ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DO DESENHO INFANTIL: ESTUDOS INICIAIS
A PARTIR DE LUQUET E IAVELBERG**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao Curso de Pedagogia na
disciplina Trabalho de Conclusão de
Curso como requisito parcial para o
cumprimento das atividades exigidas.

Orientação: Prof. Dr. Vinícius Stein

MARINGÁ

2020

**ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DO DESENHO INFANTIL: ESTUDOS INICIAIS
A PARTIR DE LUQUET E IAVELBERG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação em Pedagogia. Sob a apreciação da seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. João Paulo Baliscai
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Profa. Dra. Regina de Jesus Chicarelle
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof. Dr. Vinícius Stein (Orientador)
Universidade Estadual de Maringá – UEM

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por me proporcionar mais essa conquista. Sem dúvidas, sem Ele eu não teria conseguido chegar até aqui.

Em segundo lugar, agradeço a minha família, em especial meus pais, Inêz e Mario Sergio, pelo amor e compreensão e por ter me ensinado a ser quem sou.

Agradeço especialmente também ao meu querido esposo Rodrigo e ao meu amado filho Isaque, que sempre foram fontes de inspiração e sempre me apoiaram em toda minha trajetória.

Ao meu orientador Prof. Dr. Vinícius Stein, agradeço por ter aceitado o convite de me auxiliar na elaboração dessa pesquisa. Obrigado pelos ensinamentos, pela paciência, compreensão e pelos incentivos para que nossa pesquisa fosse realizada, mesmo diante a tantas dificuldades.

Agradeço também aos professores que compõem a banca, Prof. Dr. João Paulo Baliscai e Profa. Dra. Regina de Jesus Chicarelle, por terem aceitado o convite de contribuir com este trabalho a fim de enriquece-lo, auxiliando para meu processo de formação acadêmica.

E por fim, a todos os docentes da graduação, que contribuíram para a minha formação profissional e me repassaram muitos conhecimentos importantes para essa profissão.

MILANI, Beatriz Barbosa. **Etapas de desenvolvimento do desenho infantil: estudos iniciais a partir de Luquet e Iavelberg.** (46 f.) Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. Vinícius Stein. Maringá, 2021.

RESUMO: As vivências nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado realizadas durante o curso de Pedagogia motivaram-nos a refletir sobre a questão do desenho infantil, na qual interessamo-nos especificadamente em como se dão as etapas do desenho. Quais são os estágios de desenvolvimento do desenho das crianças? Mobilizados por este problema de pesquisa, objetivamos identificar os estágios de desenvolvimento do desenho infantil a partir das pesquisas de Georges Henri Luquet e Rosa Iavelberg. Para tanto, elaboramos uma pesquisa com delineamento bibliográfico e documental. Recorremos às obras “O desenho infantil” (LUQUET, 1969) e “Desenho na Educação Infantil” (IAVELBERG, 2013), assim como, aos desenhos expostos no site do Museu Virtual do Desenho da Criança, que foram tomados como documentos para nossa análise e serviram para ilustrar as etapas do desenho infantil que identificamos em Luquet e Iavelberg. Nossa pesquisa, está estruturada da seguinte forma: Primeiro trouxemos os estudos de Luquet em relação ao desenho infantil. E em seguida, realizamos esse mesmo movimento, mas com a autora Iavelberg. E por fim, em nossos resultados e discussões em relação ao estudo, apresentamos uma comparação entre os estágios dos autores pesquisados, e também trouxemos um breve relato sobre a necessidade de valorizar os desenhos das crianças e da necessidade em propiciar condições para que ele contribua com o avanço de suas criações.

PALAVRAS-CHAVE: Criança; Educação infantil; Grafismo infantil; Estágio Curricular; Prática pedagógica.

MILANI, Beatriz Barbosa. **Stages of development of children's drawing: initial studies from Luquet and Iavelberg.** (46 f.) Course Conclusion Paper (Pedagogy Course) - Universidade Estadual de Maringá. Advisor: Prof. Dr. Vinícius Stein. Maringá, 2021.

ABSTRACT: The experiences in the subjects of Supervised Curricular Internship carried out during the Pedagogy course motivated us to reflect on the issue of children's drawing, in which we are specifically interested in how the stages of drawing take place. What are the developmental stages of children's drawing? Mobilized by this research problem, we aim to identify the stages of development of children's drawing based on the research by Georges Henri Luquet and Rosa Iavelberg. For that, we elaborated a research with bibliographic and documentary design. We used the works "O Desenho infantil" (LUQUET, 1969) and "Desenho na Educação Infantil" (IAVELBERG, 2013), as well as the drawings displayed on the website of the Virtual Museum of Children's Drawing, which were taken as documents for our analysis and served to illustrate the stages of children's drawing that we identified in Luquet and Iavelberg. Our research is structured as follows: First, we brought Luquet's studies in relation to children's drawing. And finally, in our results and discussions in relation to the study, we present a comparison between the stages of the researched authors, and we also brought a brief report on the need to value children's drawings and the need to provide conditions for them to contribute with the advancement of their creations.

KEYWORDS: Child; Child education; Children's graphics; Curricular stage; Pedagogical practice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Daniel – 2 anos (Galeria – Acervo 2015)	20
Figura 2 - Thalita Vitoria – 2 anos (Galeria – Acervo 2015)	21
Figura 3 - Thales – 4 anos (Galeria – Acervo 2015).....	23
Figura 4 - Priscila – 6 anos (Galeria – Acervo 2015).....	25
Figura 5 - Sylvanna – 8 anos (Galeria – Acervo 2016).....	26
Figura 6 - Hércules – 10 anos (Galeria – Acervo 2016)	28
Figura 7 - Symon – 10 anos (Galeria – Acervo 2015)	29
Figura 8 - Elloá – 2 anos (Galeria – Frans Krajcberg)	33
Figura 9 - "Piscina" – Samuel (Galeria – Desenho Livre).....	35
Figura 10 - Detalhes do desenho "Piscina" – Samuel (Galeria – Desenho Livre)	35
Figura 11 - Detalhes do desenho "Piscina" – Samuel (Galeria – Desenho Livre)	36
Figura 12 - Detalhes do desenho "Piscina" – Samuel (Galeria – Desenho Livre)	36
Figura 13 - Gabriela – 6 anos (Galeria – Mario de Andrade)	37
Figura 14 - Lucas – 7 anos (Galeria – Acervo 2015).....	38
Figura 15 - Higor Cesar – 9 anos (Galeria – Acervo 2015)	39
Figura 16 - Deyvid – 9 anos (Galeria – Acervo 2015)	40
Figura 17 - Detalhes do desenho de Deyvid (Galeria – Desenho Livre)	41
Figura 18 - Detalhes do desenho de Deyvid (Galeria – Desenho Livre)	41
Figura 19 - Samuel – 11 anos (Galeria - Acervo 2015).....	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comparação das etapas de desenvolvimento do desenho infantil para Luquet e Lavelberg.....	44
--	----

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	9
2 - ESTUDOS SOBRE O DESENHO INFANTIL: AS CONTRIBUIÇÕES DE GEORGE HENRIQUE LUQUET	13
2.1 - As fases de desenvolvimento do desenho infantil segundo Luquet (1969).....	14
2.1.1 - Realismo fortuito	18
2.1.2 - Realismo falhado	21
2.1.3 - Realismo intelectual	23
2.1.4 - Realismo visual	26
3 - ESTUDOS SOBRE O DESENHO INFANTIL: AS CONTRIBUIÇÕES DE ROSA IAVELBERG	30
3.1 - Desenho de ação	32
3.2 - Desenho de Imaginação I	34
3.3 - Desenho de Imaginação II	36
3.4 - Desenho de apropriação	38
3.5 - Desenho de proposição	40
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
5 - REFERÊNCIAS.....	45

1 - INTRODUÇÃO

A temática orientadora desta pesquisa refere-se a questão do desenho infantil, considerando especialmente as composições realizadas por crianças de até 12 anos e as diferentes etapas que, de modo geral, elas expressam no desenvolvimento de suas criações visuais.

Por meio do desenho, a criança é capaz de comunicar ideias para outras pessoas, representar situações e brincar. Conforme indica o trecho a seguir, escrito por Lauri de Freitas Petilli Zopelari (2007) em “Desenho: uma forma e desenvolvimento infantil”:

Ao desenhar, a criança conta sua história, seus pensamentos, suas fantasias, seus medos, suas alegrias, suas tristezas. No ato de desenhar, a criança age e interage com o meio, seu corpo inteiro se envolve na ação, traduzida em marcas que a mesma produz, se transportando para o desenho, modificando e se modificando [...] (ZOPELARI, 2007, p. 2).

Assim, qualquer registro gráfico feito pelas crianças, inclusive os chamados “rabiscos”, podem ser tomados como um meio de expressão. A motivação que nos levou a realização deste trabalho, se deve ao interesse pelas transformações que ocorrem ao longo do desenvolvimento do desenho infantil. Notamos que o ato de desenhar está presente desde os primeiros anos de vida das crianças, quando são proporcionadas condições para que elas manifestem suas criações e que, em poucos anos, os traços apresentam mudanças significativas.

Durante a formação no curso de Pedagogia e nas pesquisas preliminares para a composição do projeto de pesquisa que levou ao desenvolvimento deste Trabalho de conclusão de curso - TCC, notamos que o desenho é capaz de desenvolver aspectos cognitivos, de coordenação e também outros relacionados a expressão e criatividade. Contudo, nos faltavam elementos teóricos e metodológicos que orientassem como poderíamos auxiliar as crianças a desenvolverem essas habilidades. Além disso, tínhamos curiosidade sobre as formas de avaliar e interpretar os desenhos das crianças. Essas dúvidas, mobilizaram a criação de um projeto de pesquisa¹, amparado em algumas justificativas.

No âmbito científico, consideramos que esta pesquisa poderá ter relevância, no sentido de contribuir com a publicização de trabalhos existentes sobre o assunto

¹ O projeto de pesquisa e a realização da pesquisa em si, ocorreu durante os meses de julho de 2020 e abril de 2021.

e criar uma discussão a partir deles, ou seja, acreditamos que este estudo poderá servir como apoio para professoras/es e demais profissionais relacionados à educação das crianças, bem como para seus familiares, na medida em que apresentamos uma pesquisa que revela, de modo didático, meios para realizar a análise dos estágios de desenvolvimento dos desenhos criados por crianças e modos de contribuir com suas criações.

No âmbito pessoal, o projeto de pesquisa contribuiu para que respondêssemos à algumas dúvidas sobre o desenho infantil motivadas especialmente durante os Estágios Supervisionados realizados ao longo do curso de Pedagogia, quando observamos o modo como as crianças se comportavam em relação ao ato de desenhar. Daí surgiu o interesse de analisar os estágios do desenho, desde os rabiscos (com formas abstratas) até as composições figurativas.

Diante do exposto, consideramos pertinente refletir e analisar: Quais são os estágios de desenvolvimento do desenho das crianças? Esse problema de pesquisa, mobilizou a sistematização de um projeto, cujo objetivo geral foi: identificar os estágios de desenvolvimento do desenho infantil a partir das pesquisas de Georges Henri Luquet e Rosa Lavelberg.

Escolhemos pesquisar os escritos de Luquet por recomendação do orientador, quando afirmou que o autor foi um dos primeiros pesquisadores que analisaram cientificamente o desenho das crianças. Para tanto, recorreremos à obra “O desenho infantil” (LUQUET, 1969) publicada em 1927 e traduzida em Portugal por Maria Teresa Gonçalves, em 1969. Este livro contempla as ideias de Luquet em relação ao desenho infantil, a partir de situações observadas por ele até então. O trabalho do autor recebeu a atenção de psicólogos e professores, pois no decorrer de sua obra apresenta o desenho das crianças modo relacionado às questões familiares e escolares.

Este livro serviu como referência para outros autores relevantes da área da educação e do desenvolvimento infantil, como Lev. S. Vigotski (1896-1934). Inclusive, o que nos mobilizou a estudar sobre Luquet foi a leitura do quinto capítulo do livro “Imaginação e criação na infância” de Lev S. Vigotski (2018), em que o desenhar na infância é objeto de análise e no qual Luquet é mencionado. Além disso, selecionamos o texto “Análise do desenho infantil segundo as ideias de

Luquet” (2017), de Melissa Rodrigues Haag, pois as pesquisas de Luquet têm centralidade no texto.

Ainda por recomendação do orientador, elegemos as produções de Rosa Lavelberg sobre o desenho infantil, pois trata-se de uma autora brasileira, contemporânea e de reconhecida trajetória de pesquisa e ação docente no âmbito do ensino das artes visuais. A obra de referência escolhida foi “Desenho na Educação Infantil”, publicada em 2013, pela Editora Melhoramentos.

Com base nisso, organizamos nossa pesquisa com delineamento bibliográfico. Segundo Antonio Carlos Gil, em “Como elaborar projetos de pesquisa” (2002), a pesquisa bibliográfica é aquela “desenvolvida com base em material já elaborado” (GIL, 2002, p. 44). Sendo assim, elaboraremos parte da investigação a partir de materiais que já foram publicados e que tratam sobre a temática e referencial teórico escolhido.

Para Gil (2002), ao fazermos uma pesquisa de cunho bibliográfico, obtemos uma vantagem, pois esta metodologia permite que nos deparemos com um universo amplo de conhecimentos sobre determinado assunto. O autor destaca também a importância de usar fontes seguras, para que determinada ideia não se propague incorretamente. Conforme alerta: “[...] Muitas vezes, as fontes secundárias apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada. Assim, um trabalho fundamentado nessas fontes tenderá a reproduzir ou mesmo a ampliar esses erros [...]” (GIL, 2002, p. 45).

Na medida em que realizávamos a pesquisa bibliográfica e que fomos compreendendo as etapas do desenho infantil a partir dos autores selecionados, sentimos a necessidade de colocar em prática aqueles conceitos que estávamos compreendendo. Assim, também propomos a utilização de uma metodologia própria da pesquisa documental. Segundo Gil (2002) a pesquisa documental “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p.46).

Os desenhos expostos no site do Museu Virtual do Desenho da Criança, foram tomados como documentos para nossa análise e serviram para ilustrar as etapas do desenho infantil que identificamos em Luquet e Lavelberg. Conforme informações presentes no site oficial, o projeto Museu Virtual do Desenho da Criança, é uma parceria da Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer

(SECEL) da cidade de Guarulhos - SP e a Universidade Federal do Estado de São Paulo-UNIFESP. Seu objetivo é a documentação dos desenhos das crianças de forma virtual. O projeto é alimentado pelo trabalho desenvolvido por educadores da rede em parceria com a professora Betânia Libanio Dantas de Araújo (UNIFESP), e do Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas da Secretaria de Educação (SE) por meio da Divisão Técnica de Arte-Educação e da Divisão Técnica de Políticas para Educação Infantil.

Nosso estudo está organizado da seguinte maneira: Na segunda seção trouxemos os estudos de Luquet em relação ao desenho infantil. Relacionamos as etapas do desenho infantil que foram definidas pelo autor juntamente com os desenhos que encontramos no Museu Virtual do Desenho da criança. Na terceira seção, realizamos esse mesmo movimento, mas com a autora Iavelberg, sendo assim, destacamos as etapas que ela definiu para o desenvolvimento do desenho infantil e também relacionamos com os desenhos do Museu Virtual do Desenho da criança. E por fim, a última seção é composta por nossos resultados e discussões em relação ao estudo, apresentamos uma comparação entre os estágios dos autores pesquisados.

2 - ESTUDOS SOBRE O DESENHO INFANTIL: AS CONTRIBUIÇÕES DE GEORGE HENRIQUE LUQUET

Conforme exposto anteriormente, o desenho é uma forma de representação gráfica que, de modo geral, está presente na vida das crianças. Mesmo crianças que ainda não se comunicam por meio da fala, são capazes de expressar e registrar suas ações por meio de um desenho.

O artigo “Análise do desenho infantil segundo ideias de Luquet”, escrito por Melissa Haag Rodrigues (2010) corrobora essas afirmativas. A autora inicia o texto descrevendo situações muito comuns na infância:

[...] Toda criança, desde muito cedo, descobre que pode deixar marcas em vários lugares e, geralmente, a parede de casa é um dos primeiros suportes para liberar a criatividade, pelo menos até que alguém a detenha da prazerosa atividade. O desenhar da criança vai evoluindo e se transformando até chegar a hora em que outras atividades começam a ficar mais atrativas e divertidas, como os jogos de videogame e os desenhos animados (RODRIGUES, 2010, p. 20).

O relato da autora mobiliza memórias pessoais de situações que vivenciamos. É comum ouvirmos pais falando sobre desenhos que seus filhos fazem na parede de casa utilizando de giz, caneta, ou lápis de cor. Essa atitude, por vezes, deixa os familiares irritados, o que leva a criança a deixar de fazer desenhos e buscar outros modos de se entreter, como fazer o uso de aparelhos eletrônicos, como celulares e computadores. Ouvimos também que os riscos deixados pelos pequenos não são apenas em paredes, mas qualquer objeto ou lugar da casa, seja na porta, em seus brinquedos ou até mesmo em seu próprio corpo.

Essas ações domésticas relacionadas ao desenho infantil que acontecem na atualidade, já podiam ser observadas no passado e foram objetos de estudo de diferentes pesquisadores. Como mencionamos, um pioneiro nas investigações sobre os desenhos criados por crianças foi o filósofo francês Georges Henri Luquet (1876 - 1965), cujos resultados foram registrados em seu livro “O desenho infantil” (LUQUET, 1969).

O referido texto de Luquet foi basilar para que pudéssemos compreender quais são as etapas ou estágios pelas quais as crianças, de modo geral, passam ao longo do desenvolvimento de seus desenhos. Esse entendimento foi possível

também mediante o estudo do já mencionado artigo de Rodrigues (2010), pois as análises e exemplos da autora nos auxiliaram na interpretação dos dados trazidos por Luquet (1969), uma vez que a linguagem do texto fora de difícil compreensão (seja pela complexidade conceitual, seja pela tradução feita na década de 1960 em português utilizado em Portugal).

Destacamos que o artigo escrito por Rodrigues (2010) não conta apenas com as ideias defendidas por Luquet (1969), mas também apresenta uma pesquisa de campo, realizada com a intenção de observar e analisar os desenhos de uma criança. Conforme explica a autora:

[...] O procedimento consistiu em observar e coletar, durante os meses de setembro e outubro de 2007, os registros do desenhar desta criança, um menino de cinco anos, saudável, extrovertido e ativo que, na ocasião, cursava o último ano da Educação Infantil. [...] As sessões de observação ocorreram em intervalos médios de uma semana, e foram realizadas na casa da criança, sempre em local sossegado e sem expectadores, já que o período da tarde proporcionava estas condições (RODRIGUES, 2010, p. 20).

Assim, o caráter analítico do texto de Rodrigues, nos mobilizaram a analisar desenhos produzidos por crianças. Como mencionamos em nossa introdução, os desenhos expostos no site do Museu Virtual do Desenho da Criança foram utilizados para ilustrar as características das etapas do desenho infantil que identificamos nos escritos de Luquet.

Diante disso, nesta seção apresentamos ideias basilares de Luquet (1969) sobre o desenho infantil, relacionando com exemplos e conclusões feitas por Rodrigues (2010) em sua investigação, bem com os desenhos que selecionamos.

2.1 - As fases de desenvolvimento do desenho infantil segundo Luquet (1969)

Ao propor sua pesquisa sobre o desenho das crianças, Luquet (1969) sugeriu uma atitude de observação atenta do pesquisador em relação a todo o processo de criação gráfica. Segundo Rodrigues (2010), o autor defendia a ideia de explorar todas as instâncias do desenho, ou seja, observar as reações dos pequenos durante todo o processo de suas ilustrações. Em suas palavras:

Luquet defendia o seu método de estudo do desenho infantil a partir do desenhar de uma criança e a importância de fazer um estudo “monográfico” acompanhando e registrando todas as ações e verbalizações antes, durante e após o ato de desenhar [...] (RODRIGUES, 2010, p. 21).

O estudo monográfico ao qual Rodrigues (2010) se refere consiste em observar atentamente e registrar o antes, o durante e o depois do desenhar da criança, para que se tenha um acompanhamento do processo e possam ser analisadas todas as ações que a criança realiza.

Durante os Estágios Supervisionados realizados no curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá (UEM), percebemos que as crianças da Educação Infantil², por exemplo, falam muito sobre os seus desenhos, seja depois que os produziram ou durante a criação. Por vezes notamos que muitas delas verbalizavam (como se estivessem contando uma história enquanto desenhavam) e que essas informações eram relevantes para que pudéssemos compreender o que elas queriam comunicar com os seus traços.

Nos Estágios, em outras etapas da Educação Básica, observamos que o desenho era utilizado pelas crianças como uma maneira delas expressarem-se e de registrar sua imaginação. Além disso, era utilizado também como uma maneira de a criança realizar a síntese de um determinado conteúdo. A exemplo disso, algumas vezes presenciamos os professores pedindo aos seus alunos que desenhassem determinada situação que eles acabaram de estudar. Em uma das aulas que estagiamos, na turma do 1º ano do Ensino Fundamental³, a professora da turma trabalhou sobre o processo de germinação do feijão no algodão. A primeira atividade foi a plantação do feijão. Passados alguns dias, depois que o feijão cresceu e que as crianças viram seu desenvolvimento, a professora fez uma exposição oral de todo o processo de desenvolvimento do feijão e por último pediu aos alunos que realizassem os desenhos com as fases do desenvolvimento do feijão.

Apesar de possibilitar um uso pedagógico, como acabamos de descrever, Rodrigues (2010) considera, a partir de Luquet (1969), uma outra função primordial para o desenho. Em suas palavras:

² A disciplina de Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil I, foi orientada pela professora Dra. Regina de Jesus Chicarelle.

³ A disciplina de Estágio Curricular Supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, foi orientada pela professora Ma. Débora Francischini Boian.

[...] Luquet nos aponta o motivo pelo qual a criança desenha: para se divertir. E parte da diversão está em desenhar tudo o que faz parte da sua experiência, sendo fácil entender, portanto, o porquê do fato da figura humana aparecer com mais frequência [...] (RODRIGUES, 2010, p. 21).

Para Luquet (1969) o desenhar é divertido para a criança. Essa diversão está ligada ao ato da criança desenhar tudo o que faz parte de sua prática. A exemplo disso, destaca que as figuras humanas estão muito presentes nos desenhos infantis, porque é algo que as crianças veem a todo momento, ainda que, não só as figuras humanas sejam comuns no repertório delas. Desenhos como animais, objetos do dia-a-dia e diferentes paisagens também estão muito presentes em seus desenhos. Essa constatação do autor nos remete a necessidade de ampliar as referências das crianças para que suas criações se tornem cada vez mais complexas. Essa máxima é rerepresentada por Vigotski (2018) e Lave e Wenger (2013) e será retomada nas próximas seções deste trabalho.

Luquet (1969) também descreve um fato que pode ser facilmente observado no comportamento infantil: o desenho em forma de jogo. Trata-se de um jogo em que a criança a qualquer momento pode se desinteressar, talvez pelas tentativas fracassadas de desenhos anteriores ou pelo fato de se interessarem por outras diversões. Em suas palavras:

[...] O desenho é para ela um jogo como quaisquer outros e que se intercala entre eles. Notou-se que em muitas crianças os seus períodos de actividade [sic] gráfica eram separados por intervalos de várias semanas ou mesmo de vários meses, durante os quais não desenhavam nada, e julgou-se que, pelo menos em certos casos, esta falta de interesse momentânea parecia ser devida ao descontentamento pelos resultados das suas tentativas anteriores (LUQUET, 1969, p.15).

A frequência e as razões pelas quais as crianças desenhavam foram analisadas pelo autor em uma seção de seu texto chamada “intenção”. Segundo Rodrigues (2010), para Luquet (1969), a estimulação para o ato de desenhar pode acontecer a partir do momento em que a criança vê ou imagina algo, de modo que: “toda experiência visual pode sugerir um motivo, uma intenção para desenhar” (RODRIGUES, 2010, p. 21), assim, a possibilidade que a criança tem de ter contato com um determinado conhecimento visual possibilita a vontade de desenhar. A motivação para o desenho depende, portanto, da preferência e das experiências das

crianças. Aquilo com o qual elas convivem, sejam objetos ou situações, se transformam em temática para os desenhos. Nas palavras de Luquet (1929): “O repertório gráfico da criança, assim como a sua experiência visual está condicionada pelo meio onde ela vive” (LUQUET, 1969, p.23).

Segundo Rodrigues (2010), Luquet (1969) ainda explica que a intenção de desenhar corresponde à manifestação da representação mental que a criança faz daquilo que pretende desenhar. Um dos fatores que mobilizam a intenção é a associação de ideias. Por meio da associação de ideias, a criança desenha tudo o que pode estar relacionado ao que ela quer representar. Nesse sentido, Luquet (1969) traz um exemplo em seu livro em que relata a ação de uma criança americana que desenha uma história cujo o personagem, João, cai na água e é ajudado por dois homens. A criança começa desenhando as figuras humanas e como os personagens estão à beira d’água acaba associando a imagem à pesca e, a partir daí, preenche a folha com a imagem de inúmeros peixes. Outra forma de mobilizar a intenção, segundo ele, é o automatismo gráfico. Neste caso, a criança desenha por horas o mesmo desenho e com os mesmos detalhes. Conforme explica Rodrigues (2010, p. 23) “difere da associação de ideias [...] neste caso, o mesmo desenho é reproduzido sucessivamente.

Além do automatismo gráfico, há também o automatismo contínuo, que significa a criança repetir por várias vezes o mesmo desenho, mas em intervalo de dias, entre um e o próximo desenho. Nas palavras de Luquet:

ao lado do automatismo gráfico imediato, existe um automatismo gráfico contínuo, que consiste numa tendência maquinal não de repetir o desenho que foi feito imediatamente antes, mas de fazer de novo os mesmos desenhos com o intervalo de um ou vários dias, na ausência de toda a determinação psíquica perceptível ao observador [...] (LUQUET, 1969, p.32-33).

A repetição do desenho é buscada pela criança para aperfeiçoa-lo, para no final, a imagem desenhada possa ser o mais parecido com o real. O realismo é para Luquet (1969) o que caracteriza o desenho infantil no seu conjunto. Conforme escreveu:

Nenhum termo convém melhor que o de realismo para caracterizar o desenho infantil no seu conjunto. Realista, antes de mais nada, pela natureza dos seus motivos, dos temas que trata. Um desenho consiste num sistema de linhas cujo conjunto tem uma forma. Mas

esta forma pode ter, na intenção do desenhador, duas finalidades diferentes. Pode ser executada pelo prazer que proporciona à vista, pelo seu simples aspecto visual, ou para reproduzir objectos [sic] reais. Pode ser, segundo a linguagem da escola froebeliana, uma “forma de beleza”, ou uma “forma de vida”. Em termos mais simples, há duas espécies de desenho: o desenho figurativo e o desenho não figurativo ou, num sentido mais amplo, geométrico (LUQUET, 1969, p.123).

O conceito de realismo mobilizou o autor a classificar o desenho das crianças em quatro fases: o realismo fortuito, o realismo falhado, o realismo intelectual e o realismo visual. Tratamos sobre as características de cada uma dessas fases a seguir.

2.1.1 - Realismo fortuito

Em seu livro, Luquet (1969) destaca que o desenho passa sucessivamente por quatro etapas. A primeira nomeada pelo autor é o realismo fortuito. Rodrigues (2010) discorre sobre etapa do desenho infantil, trazendo a primeira característica:

Na primeira etapa nomeada de realismo fortuito, que inicia por volta dos três anos, a criança desenha não para representar uma imagem, mas pelo simples fato de fazer a sua marca. [...] Segundo Luquet, ela imita a atividade para fazer como a pessoa, mesmo que não tenha a noção da finalidade da ação, para provar de que também é capaz [...] (RODRIGUES, 2010, p. 28).

O realismo fortuito é caracterizado pela necessidade que a criança tem de mostrar à outra pessoa que ela também possui habilidades de fazer marcas sobre um papel. É comum vivenciarmos situações em que quando nós, adultos, estamos escrevendo algo, as crianças quererem um papel e uma caneta para realizarem essa mesma atividade.

Para Luquet (1969) esse primeiro contato que a criança tem com o desenho representa apenas um traçado de linhas e que ainda não possui uma intenção propriamente dita do objeto em que a criança quer desenhá-lo. O deslocamento da mão que a criança faz quando está fazendo essa atividade é fruto de uma energia neuromuscular, assim como explica o autor:

A princípio, para a criança, o desenho não é um traçado executado para fazer uma imagem, mas um traçado executado simplesmente

para fazer linhas. Fazer um traçado é executar movimentos da mão que, estando munida de acessórios variados, deixa num suporte, tal como uma folha de papel, traços visíveis que não existiam antes. A criança pode chegar por si, própria à ideia do traçado e à intenção de o fazer. Os movimentos da mão explicam como a criança os executa sem que correspondam a uma utilidade. São, antes de mais nada, o simples efeito do consumo espontâneo de uma superabundância de energia neuromuscular, e o exercício dessa actividade [sic] é acompanhado de um prazer que incita a criança a recomeçar [...] (LUQUET, 1969, p.136).

Esta etapa caracteriza-se também pela imitação da criança. Ela imita quem acha importante e por isso quer fazer igual. Outra característica presente ainda nesta fase, é a de que as crianças podem perceber em seus desenhos um traço que a faz lembrar de outro objeto, ou seja, uma semelhança entre um objeto e outro. Rodrigues (2010) trata sobre isso:

[...] realismo fortuito – caracteriza-se pelo fato da criança verificar que os seus traços produziram acidentalmente uma semelhança não procurada. É a partir destas tentativas, favorecidas pela tendência ao automatismo gráfico imediato, que a habilidade gráfica vai melhorando e a criança obtendo êxito em seus desenhos [...] (RODRIGUES, 2010 p. 29).

O desenho também é uma forma de expressão, onde a criança ilustra coisas, objetos, situações em que ela gosta. No desenho abaixo podemos perceber essas características que Luquet (1969) nos apresenta:

Figura 1 - Daniel – 2 anos (Galeria – Acervo 2015)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

Na fase do realismo Fortuito, a criança pode desenhar diversas linhas sem intenção ou significado. Na verdade, ela desenha pelo prazer do movimento ou apenas pela vontade de mostrar que sabe realizar tal atividade. No desenho de Daniel (Figura 1) podemos perceber essas características. O primeiro aspecto a ser destacado é que seu desenho é cheio de rabiscos, ou seja, linhas que são apresentadas de forma desordenada. O segundo aspecto é o caráter de experimentação e automatismo na criação do desenho, que poder ser comprovado por meio do registro da professora que acompanhou o desenho de Daniel, quando escreveu: “Apresentou-se bastante concentrado na realização do desenho, e ao ser interrogado sobre o que estava desenhando, Daniel não respondeu” (Museu Virtual do Desenho da Criança, 2021).

Por outro lado, ainda nesta fase, mesmo que a criança desene sem intenção, ela pode apresentar uma interpretação de seu desenho, ou seja, falar o que ela desenhou. Vemos essa ideia presente no desenho a seguir:

Figura 2 - Thalita Vitoria – 2 anos (Galeria – Acervo 2015)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

Notamos que o desenho de Thalita é muito parecido com o desenho de Daniel, mas possui uma interpretação realizada pela desenhista. Quando a professora pergunta a menina o que ela desenhou, ela responde: “uma bola gigante, uma nuvem e um chocolate” (Museu Virtual do Desenho da Criança, 2021). Além disso, a professora também completa que a criança em todo momento explicava com expressões de alegria o que estava desenhando, fato que, para nós, demonstra uma intencionalidade de comunicação ao fazer o desenho e pode ser entendido como um processo de transição para a segunda etapa do desenvolvimento do desenho, conforme detalhamos a seguir.

2.1.2 - Realismo falhado

Rodrigues (2010) trata sobre a segunda fase do desenho infantil para Luquet (1969), isto é, o realismo falhado. Em suas palavras:

a segunda fase do desenho infantil - o realismo falhado - é quando “o desenho quer ser realista, mas não chega a sê-lo” (Op. cit., p.147). Nesta etapa a criança tem a intenção de desenhar algo com determinado aspecto, mas não consegue devido a dois obstáculos: o de ordem motora, quando ainda não tem um controle total de seus movimentos gráficos e o de ordem psíquica, que se refere ao caráter ao mesmo tempo limitado e descontínuo da atenção infantil [...] (RODRIGUES, 2010, p. 29).

Assim, desenhos referentes ao realismo falhado, são aqueles em que as crianças se esforçam para que os objetos ou situações que desenham saiam da melhor forma, mas ainda não tem uma ordem motora significativa e atenção necessárias para fazê-lo. Como exemplo, mencionamos a situação em que as crianças desenham uma figura humana, mas não desenham a boca, o nariz, ou os olhos. Elas até podem perceber que esqueceram de desenhar algo, mas só percebem depois que um adulto lhes chama a atenção, como vemos nos exemplos a seguir, no qual Luquet (1969) aborda em seu texto:

[...] Do mesmo modo, uma pequena americana de 4 anos e 8 meses desenha um boneco: o contorno da cabeça, os olhos, as pernas com os pés. Acrescenta a mão na extremidade de cada braço, depois pára [sic], considerando o seu desenho acabado. Mas a mãe pergunta-lhe se os olhos eram os únicos pormenores da cabeça, e então a pequena acrescenta a boca, a barba, o nariz, os cabelos, as orelhas, prova de que, se não os desenhou antes, foi simplesmente porque a sua atenção enfraqueceu depois da execução dos outros elementos representados segundo a sua ordem de importância (LUQUET, 1969, p. 149).

O desenho de Thales apresenta algumas das características desta fase.

Figura 3 - Thales – 4 anos (Galeria – Acervo 2015)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

Olhando para sua composição vemos que ele desenhou uma figura humana, porém omitiu algumas partes, como os membros dos braços e das pernas. E conforme a descrição que a professora faz sobre o desenho, a criança só percebeu quando ela lhe chamou atenção, após se dar por terminado o desenho. Podemos então afirmar que a fase do realismo falhado é marcada pelo exagero ou omissão de algumas partes do desenho e essas características, assim como diz Luquet (1969), se dão pela falta de coordenação motora ou pela falta de atenção da criança.

2.1.3 - Realismo intelectual

A terceira fase do desenho infantil para Luquet (1969) é chamada de realismo intelectual. Rodrigues (2010) explica que:

Na terceira fase do desenho infantil - o realismo intelectual - um desenho para ser parecido (na concepção infantil) com o que se pretende, deve conter todos os elementos reais do objeto, mesmo os que estão invisíveis do ângulo de onde é visualizado ou mesmo de outro ponto de vista e cada detalhe deve ter a sua forma característica (Op. cit.). Nesta fase até mesmo elementos que só existem na mente do desenhista são incluídos no desenho. O realismo intelectual leva a criança a utilizar diversos processos,

criados por ela mesma, para representar o que deseja. Luquet diz que o mais simples destes processos é o destaque de alguns detalhes que, na realidade, se ocultariam como os cabelos ou pelos de animais, que a criança muitas vezes desenha individualmente. (RODRIGUES, 2010, p. 30).

Nesta fase, as ilustrações apresentam mais características que tornam o desenho da criança próximo ao real, mas ao invés de desenhar o que ela vê, suas composições mostram o que ela sabe sobre o objeto representado. As formas de determinados objetos tendem a aparecer com mais facilidade, como por exemplo, elementos que somente são observados de um determinado ângulo seriam capazes de vermos, mas a criança insiste em representar em seu desenho. Nas palavras de Luquet:

uma vez superada a incapacidade sintético, já nada impede que o desenho infantil seja plenamente realista, isto é, que represente, ao mesmo tempo que os pormenores do objecto [sic] representado, as suas relações recíprocas no conjunto constituído pela sua reunião. Mas o realismo do desenho infantil não é de modo algum o do adulto: enquanto este é um realismo visual, o primeiro é um realismo intelectual. Para o adulto, um desenho para ser parecido deve ser como que a fotografia do objecto [sic]: deve reproduzir todos os pormenores e os únicos pormenores visíveis do local donde o objecto [sic] é visto e com a forma que eles tomam deste ponto de vista: numa palavra, o objecto [sic] deve ser representado em perspectiva. Na concepção infantil, pelo contrário, um desenho, para ser parecido, deve conter todos os elementos reais do objecto [sic], mesmo invisíveis, quer do ponto de vista e, por outro lado, deve dar a cada um desses pormenores a sua forma característica, a que exige a exemplaridade (LUQUET, 1969, p.159).

Na fase do realismo intelectual, o desenho da criança já está mais perto do real, segundo a concepção infantil. Detalhes começam a surgir com mais facilidade em seus desenhos. Na ilustração do corpo humano, por exemplo, o surgimento das orelhas, cílios, cabelos, se tornam mais presentes.

Figura 4 - Priscila – 6 anos (Galeria – Acervo 2015)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

No desenho de Priscila vemos que ela traz a ideia de transparência, ou seja, ela desenha alguns objetos e situações que estão por trás das paredes da casa, o que caracteriza o realismo intelectual. A professora descreve o seguinte sobre o desenho:

Priscila demonstrou autonomia e criatividade na realização da sua composição. O seu desenho apresentou uma riqueza de detalhes, que segundo o relato da criança, fez sua própria casa e sua família, como por exemplo: o seu pai trabalhando no computador, a mãe cozinhando e ela própria brincando de boneca, cada membro da família em um cômodo diferente da casa (Museu Virtual do Desenho da Criança, 2021).

Outra característica presente nesta fase, é a questão de a criança representar distâncias e profundidades, levando em consideração a base do desenho. O que pode ser observado no desenho a seguir:

Figura 5 - Sylvanna – 8 anos (Galeria – Acervo 2016)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

Percebemos neste desenho que Sylvanna quis representar as distâncias de um lugar ao outro, como por exemplo, da entrada até a porta da casa. Ela também trouxe para o desenho várias árvores, de diferentes tamanhos e um pouco em cada lugar, para que pudesse representar um local com variações de alicive. Segundo a professora, Sylvanna ilustrou o sítio, onde fica localizada a casa de sua avó.

2.1.4 - Realismo visual

A quarta etapa refere-se a fase do Realismo visual descrita por Rodrigues da seguinte maneira:

a última fase - o realismo visual - utiliza processos “contrários” aos citados, onde a transparência é substituída pela capacidade e o rebatimento e a mudança de ponto de vista são substituídos pela perspectiva. A mudança para esta fase também não ocorre de uma só vez, sendo que “o realismo visual tem de lutar contra os hábitos contrários profundamente enraizados; também não se fixa logo a seguir à sua aparição” (Op. cit., p.191). Um exemplo de realismo visual é quando a criança desenha um rosto de perfil e adiciona apenas um olho, argumentando que o outro não se pode ver. A

substituição do realismo intelectual para o realismo visual, que caracteriza o desenho do adulto, dá-se geralmente entre os 8 e 9 anos de idade, mas há casos em que se manifesta bem mais cedo. De outro modo, também há pessoas adultas que permanecem na fase do realismo intelectual (RODRIGUES, 2010, p. 31).

Na fase do realismo visual, a criança não desenha tudo o que está presente no objeto (o que ela sabe sobre o que está representando), mas sim, registra somente aquilo que é possível ver diante do ângulo em que o desenho está. No texto de Luquet (1969), o autor traz o exemplo da criança desenhar uma pessoa de perfil, onde ela desenha o rosto, o nariz e a boca de perfil, pois isso é o que realmente pode ser visto quando olharmos uma pessoa de lado. O autor ainda destaca a dificuldade de muitas pessoas que ainda permanecerem na fase do realismo intelectual. Conforme o autor avalia:

a distinção teórica que acabámos [sic] de estabelecer entre as quatro fases do desenho é, de facto [sic], bastante menos distinta, e cada uma dessas fases prolonga-se enquanto a seguinte já começou; particularmente, não só na criança mas mesmo no adulto, persistem traços mais ou menos esporádicos do realismo intelectual nos desenhos de indivíduos chegados conscientemente à fase do realismo visual. Há aqui um facto [sic] análogo ao que foi assinalado por A. Comte a propósito da sua lei dos três estados relativos à concepção do saber humano: tal indivíduo, chegado em tal ponto ao estado positivo, ficará noutro ponto no estado metafísico ou mesmo teológico (LUQUET, 1969, p.212).

Sobre a fase do realismo visual podemos analisar o desenho abaixo:

Figura 6 - Hércules – 10 anos (Galeria – Acervo 2016)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

No desenho de Hércules vemos que ele desenhou as personagens de perfil. Esta etapa também é caracterizada pela representação de tudo o que está no ângulo em que a criança quer desenhar, portanto podemos ver que a criança desenhando apenas um ângulo, mas possui vários detalhes, como o movimento dos cabelos, das roupas. Segundo a descrição em relação ao desenho, a professora conta que Hércules gosta muito de desenhar e sua inspiração são os livros infantis, gibis, personagens de desenhos animados, games e animes. Percebemos que a criança possui uma certa habilidade e faz o uso de perspectivas de sobreposição e seu desenho tem características bem reais. No caso de Hércules, o realismo visual ocorre, pois ele reproduziu outro desenho, que por sua vez, foi criado por um ilustrador que domina as técnicas de representação bidimensional.

O desenho de Symon também apresenta características do Realismo Visual:

Figura 7 - Symon – 10 anos (Galeria – Acervo 2015)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

Podemos ver que o desenho de Symon possui muitas características do objeto que ele representou na realidade. O uso da perspectiva, opacidade e sobreposição também é muito presente. Além disso, ele tenta dar perspectiva aos pneus do carro e interrompe o desenho dos faróis do lado esquerdo, dando a ideia de continuidade.

3 - ESTUDOS SOBRE O DESENHO INFANTIL: AS CONTRIBUIÇÕES DE ROSA IAVELBERG

Conforme mencionamos, o livro “Desenho na Educação infantil”, de Rosa Iavelberg, foi publicado no ano de 2013. A escrita da autora proporciona a compreensão sobre os desenhos produzidos pelas crianças durante a educação infantil.

Iavelberg (2013) inicia seu texto destacando: “A criança da Educação Infantil adora desenhar” (IAVELBERG, 2013). De fato, conforme relatamos anteriormente, mediante as observações realizadas nos Estágios Supervisionados nas escolas, percebemos que realmente os pequenos desenhavam com muita frequência, seja com giz de cera, lápis de cor, tinta guache ou outros materiais.

A autora considera que o desenho é uma “forma de expressão e construção simbólica” (IAVELBERG, 2013), nesse sentido, segundo ela, as ilustrações infantis não devem ser avaliadas e classificadas como ‘bonitas’ ou ‘feias’, pois são um modo de as crianças registrarem suas expressões e darem significados a elas. Segundo a autora:

os adultos e os pares podem comentar os desenhos, mas a eles não cabe julgar se são bonitos ou feios, nem exigir que sejam perfeitos e parecidos com a realidade. O desenho da criança abre mundos novos para ela mesma. Assim sendo, cabe principalmente a ela definir formas e cores, bem como atribuir valores e significados à sua criação (IAVELBERG, 2013, p. 13).

Iavelberg (2013) expõem alguns dados sobre aspectos históricos em relação ao desenho infantil. Para a autora, a maneira como as criações eram desenvolvidas antigamente é diferente de como são realizadas pelas crianças em tempos atuais. Na fala da autora, entendemos que o grafismo infantil está ligado aos fatos que ocorrem durante o momento em que eles estão, foram ou são produzidos. Além disso, as ilustrações infantis atualmente visam a criação e imaginação da própria criança, possibilitando a ela um mundo em que a criança pode se expressar e desenhar o que quiser, inclusive sem que tenha a obrigação de se habilitar a realizar desenhos o mais próximo possível do real.

Como descrito por Iavelberg (2003), o ensino do desenho infantil passou a ter uma nova visão a partir do século XIX:

na segunda metade do século XIX, passou-se a reconhecer que a criança não precisa copiar desenhos dos adultos ou treinar habilidades para conseguir alcançá-los e fazê-lo exatamente como são. Esse foi o modo como se orientou o ensino de desenho na escola tradicional (IAVELBERG, 2013, p. 16).

Na escola tradicional os desenhos das crianças possuíam um caráter de reprodução, ou seja, havia a necessidade de os pequenos sempre tentarem reproduzir os desenhos dos adultos, buscando a perfeição para que chegassem mais próximo do real. Essa época não visava a ideia de criação da própria criança, só então depois na escola moderna, que se passou a valorizar a manifestação e autonomia da criança em seus desenhos. Em suas palavras:

na escola moderna, cuja didática do desenho visava à autoexpressão, buscou-se a defesa dos modos possíveis de manifestação da criança e das transformações nos desenhos ao longo do seu desenvolvimento (IAVELBERG, 2013, p. 16).

No período da escola moderna, as ilustrações infantis passam a ser expressivas, no sentido de que as crianças possuem a capacidade de ter suas próprias manifestações em relação ao seu desenho. Outra questão destacada pela autora é a influência de correntes artísticas que influenciaram na questão do desenho infantil na modernidade:

a ideia de desenho infantil na educação moderna acompanha os estilos dos movimentos artísticos de cada época, que desde meados do século XIX, a partir do Impressionismo, do Expressionismo e de outros movimentos modernos não querem representar o real nas imagens da arte (IAVELBERG, 2013, p. 16).

Os movimentos artísticos também contribuíram para a ideia de que representar o real não fosse mais necessário. Com a chegada desses movimentos, passou a se ter uma nova visão em relação as imagens da arte e, portanto, cada movimento teve suas características de acordo com a época em que aconteceram.

Iavelberg (2013) caracteriza o desenho infantil em cinco fases que aborda desde as garatujas (considerados os primeiros registros produzidos pelas crianças)

até o realismo (que são os desenhos que possuem mais características reais ao objeto que está sendo representado). Segundo a autora, as cinco fases estão interligadas entre si. Conforme escreve:

ordenamos em nosso trabalho cinco momentos conceituais sucessivos e inter-relacionados – não divididos por faixa etária nem pelo desenvolvimento cognitivo –, que estão em correspondência com o que a criança pode saber e fazer sobre desenho. Nesse sentido, associamos as oportunidades educativas às possibilidades construtivas e expressivas das crianças (IAVELBERG, 2013, p. 20).

A autora destaca que as cinco fases por ela apresentada em seu livro, não possuem o intuito de ser olhadas como degraus, onde as crianças precisam subir e quem está numa fase mais avançada é considerada melhor ou pior. As fases são como uma estrela de cinco pontas, na qual possuem a finalidade de apresentar as ideias e semelhanças que existem entre elas, para que assim conforme a criança for avançando, crie um conjunto de aprendizados.

Diante disso, a seguir, apresentamos ideias basilares de Iavelberg (2013) sobre as etapas de desenvolvimento do desenho infantil, relacionando com exemplos do Museu Virtual do Desenho da Criança.

3.1 - Desenho de ação

A primeira fase do desenho para Iavelberg (2013) é o Desenho de ação. Esta fase é caracterizada, como diz a autora, uma ordenação de linhas sem significado simbólico. Estão presentes os movimentos de vaivém e traços paralelos nos desenhos dessa fase. Sendo assim, o desenho realizado pela criança não possui um real sentido, ela apenas o faz sem atribuir um sentido simbólico para o que está fazendo. Nas palavras da autora:

[...] o significado é pré-simbólico, não tem referente real ou imaginado. Os chamados rabiscos e os diagramas, feitos com linhas ordenadas em combinação angulares e/ou circulares, são profundamente exercitados, explorados e investigados pela criança. [...] (IAVELBERG, 2013, p. 23).

Nesta fase, mesmo que não haja significado pré-estabelecido para as criações, por vezes, a criança fala enquanto está desenhando. A assim como diz

Iavelberg (2003), por meio do que a criança diz, seja no momento da ilustração ou depois, é válido para percebermos o significado do desenho. Conforme explica:

Pode ocorrer uma simbolização lúdica ou narrativa sobre as imagens pré-simbólicas, no momento em que são feitas e imediatamente após sua feitura. Assim, a fala e a ação dão significado simbólico ao que se desenha (IAVELBERG, 2013, p. 23).

Nesta fase, não há um planejamento prévio realizado pela criança que destaca o que ela irá desenhar. Sendo assim, são a fala e a expressão do desenhista que possibilitam que nós percebamos o que a criança está desenhando.

Figura 8 - Elloá – 2 anos (Galeria – Frans Krajcberg)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

No desenho acima podemos observar vários movimentos que caracterizam a primeira etapa do desenho para Iavelberg (2013). Vemos a existência de muitos movimentos que vão e vem, bem como movimentos circulares, mas que graficamente não possuem um significado simbólico. Nesta fase o desenho é pré-simbólico, ou seja, não existe uma relação fixa entre o objeto e sua representação.

Analisando o desenho também percebemos outra característica que a pesquisadora expõe no texto. Mesmo que no desenho da criança não haja um

significado simbólico, pode haver uma simbolização lúdica ou narrativa, pois no momento que a criança desenha, ela pode se expressar e falar o que está desenhando e isso pode ocorrer durante o processo da construção gráfica ou depois, como por exemplo, quando perguntamos o que a criança desenhou. No desenho de Elloá, a professora conta que perguntou a menina o que ela havia desenhado, então a criança respondeu dizendo que havia desenhado as flores das árvores.

3.2 - Desenho de Imaginação I

A segunda fase, chamada Desenho de Imaginação I, é marcada por significados simbólicos, mas que de uma certa forma ainda aparecem aleatoriamente no desenho das crianças. Para Iavelberg (2013), a questão central nesta fase, é que elas produzem seus desenhos para ser vistos. Além disso, outra característica é que a partir de agora, vão começar a aparecer nos desenhos das crianças alguns elementos do mundo real, mas ainda de forma “solta”, ou seja, sem uma ligação e apenas com as figuras separadas. Em suas palavras:

[...] as formas são nomeadas porque agora a criança reconhece elementos do mundo do real e imaginário: moradias, figuras humanas, animais, objetos e elementos da natureza. Essas formas são desenhadas separadamente no papel; são apenas justapostas, mas a criança pode falar sobre elas, pois já estabelece uma relação simbólica (IAVELBERG, 2013, p. 25).

Os desenhos da segunda fase são marcados por objetos desenhados separadamente, ou seja, a criança já consegue simbolizar o que quer desenhar, mas ainda o faz de forma separada. O que vemos nos desenhos são formas justapostas, como aquelas presentes na imagem a seguir.

Figura 9 - "Piscina" – Samuel (Galeria – Desenho Livre)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

No desenho de Samuel analisamos que ainda possuem alguns resquícios da fase anterior, como por exemplo, alguns riscos verdes no canto inferior esquerdo e um outro risco amarelo no canto superior esquerdo do desenho.

Figura 10 - Detalhes do desenho "Piscina" – Samuel (Galeria – Desenho Livre)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

Na legenda do desenho vemos que a criança diz que desenhou uma piscina, então isso leva-nos a crer que o retângulo do lado inferior direito seja a piscina na qual ele destaca.

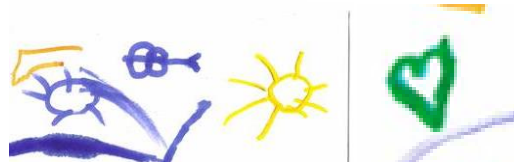
Figura 11 - Detalhes do desenho "Piscina" – Samuel (Galeria – Desenho Livre)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

Conforme manifestado por Iavelberg (2013), começam a surgir no desenho de Imaginação I, elementos do mundo real, ou seja, mesmo que de forma aleatória no desenho de Samuel, aparece um sol, uma flor e um coração:

Figura 12 - Detalhes do desenho "Piscina" – Samuel (Galeria – Desenho Livre)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

3.3 - Desenho de Imaginação II

Em relação a terceira fase, chamada de Desenho de Imaginação II, a autora revela:

desenho de imaginação II é aquele que articula os símbolos antes separados, agora relacionando-os entre si. Surgem histórias, ambientes e diferentes imagens que compõem partes e o todo do desenho [...] (IAVELBERG, 2013, p. 25-26).

Na terceira fase, a criança passa por um novo aprendizado, pois ela consegue relacionar os objetos que desenha a uma determinada situação. Por exemplo, se ela desenha uma casa, provavelmente ela também desenhará um chão, a janela e tudo o que faz parte do que ela quer representar. Ela passa a desenhando uma situação, por isso seu desenho é composto por mais elementos e que se relacionam. Podemos ver essas características na imagem do desenho abaixo:

Figura 13 - Gabriela – 6 anos (Galeria – Mario de Andrade)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

No desenho de Gabriela podemos ver nitidamente as características que a pesquisadora Iavelbeg (2013) expressa em seu livro. Observamos que no desenho, a criança conta uma história e há também vários objetos reais sendo representados. Sobre a ilustração, há uma pequena exposição do que a Gabriela diz sobre seu desenho, ela conta que “fez um céu com arco-íris e uma nuvem colorida, vários corações, fadinhas, flores, coelho e a princesa era ela” (Museu Virtual do Desenho da Criança, 2021). Na descrição do desenho também diz que Gabriela gosta muito de contos de fadas, então provavelmente o desenho proporcionou para que ela demonstrasse essa relação que ela tem com os contos de fadas.

O desenho de Lucas também pode ser considerado como Desenho de Imaginação II:

Figura 14 - Lucas – 7 anos (Galeria – Acervo 2015)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

Analisando o desenho de Lucas, vemos que também contém uma história e ele conta que gosta muito de caminhões, carros e ônibus e foi por isso que desenhou os três parados no sinal vermelho. Percebemos também que dentro dos veículos ainda há um motorista, e assim contribui para a ideia de o desenho conter as características presentes na situação em que a criança está desenhando.

3.4 - Desenho de apropriação

A terceira fase é chamada de Desenho de apropriação. Caracteriza-se pelo momento em que a criança passa a ser mais crítica em relação a consistência da realidade em seus desenhos. Para Lavelberg (2013) ela quer ter domínios de representação do espaço, construção de formas e composição, bem como aproximação e modelos de imagens existentes. Esta fase é caracterizada também pela presença dos desenhos de personagens, como por exemplo, super-heróis:

Figura 15 - Higor Cesar – 9 anos (Galeria – Acervo 2015)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

O desenho de Higor Cesar é rico em detalhes, pois podemos ver como ele se importou com as características pessoais desse personagem, como por exemplo, representando o volume dos músculos e fazendo com que pensemos no quão é forte é este personagem. Na descrição do desenho a professora relata que Higor:

[...] costuma passar suas horas livres desenhando, tem preferência por ilustrar heróis inspirados em Histórias em Quadrinhos e games ou cria vilões e outras lutas intermináveis entre seus personagens. Quando o questionei sobre o desenho, Higor disse: 'Eu imagino eu como esses heróis, lutando com os vilões e protegendo todos (Museu Virtual do Desenho da Criança, 2021).

Outro fato que Lavelberg (2013) aborda em seu livro é que o desenho nesta fase é marcado pela necessidade que a criança tem de representar os espaços e formas que estão desenhando com a realidade, portanto podemos perceber essa relação com o desenho de Higor, pois ele diz que o que o inspira a desenhar essas personagens são as Histórias em quadrinhos e os games que estão presentes em sua vida, então podemos concluir que o desenho de apropriação também pode estar ligado ao que a criança tem contato e possui certa afinidade.

3.5 - Desenho de proposição

E por fim, a última fase, o Desenho de proposição, é caracterizado por Lavalberg (2013) como um desenho que alcança as formas avançadas de manifestação, como se dão na arte. Ou seja, nesta fase a criança desenhadora passa a ter uma definição de seu próprio desenho. O desenhista passa a seguir uma linguagem de desenho da sua época, a favor de sua expressão.

Na última fase do desenho infantil, a criança passa a propor algo que ela quer desenhar, portando características que ela mesma sugere aparece em suas ilustrações, como por exemplo, proporções e manifestações que a criança julga ser importante para seu desenho:

Figura 16 - Deyvid – 9 anos (Galeria – Acervo 2015)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

O desenho do Deyvid, como podemos observar é a representação da cena do Titanic. Percebemos que a criança trouxe para o desenho não somente o que ocorreu naquele momento, mas acrescentou vários detalhes que ele achou importante para o seu desenho, como o helicóptero, que está centralizado no canto superior e o avião:

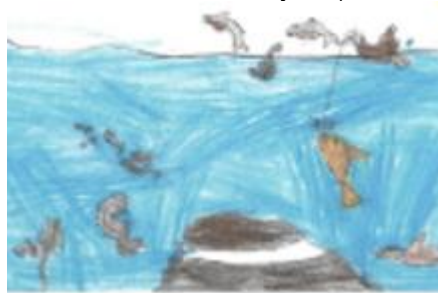
Figura 17 - Detalhes do desenho de Deyvid (Galeria – Desenho Livre)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

Além dessas representações, outro fato curioso é que Deyvid desenhou diversos seres vivos do mar e também alguns pescadores:

Figura 18 - Detalhes do desenho de Deyvid (Galeria – Desenho Livre)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

E por fim, outro fato que chama a atenção é a questão das formas, da construção de como ele organiza o desenho, permitindo que analisemos o desenho como um todo, ou seja, para cada espaço do papel tem uma situação construída graficamente.

O desenho de Samuel também traz características dessa etapa do desenho de proposição:

Figura 19 - Samuel - 11 anos (Galeria - Acervo 2015)



Fonte: Museu Virtual do Desenho da Criança.

Observamos no desenho de Samuel, que ele criou um personagem, sendo metade figura humana e metade dragão e este desenho é rico em detalhes. Na descrição do desenho, a professora informa:

[...] fez um boneco anime em meio a dragões que soltam fogo colorido. [...] Samuel relata: 'Eu assisti um desenho (Cavaleiros de dragões) e tive a ideia de fazer esse desenho com um dragão chinês. Esse desenho ficou tão bonito porque você, professora, deu a oportunidade da gente (alunos da sala) expressar aquilo que está dentro da gente' (MUSEU..., 2021).

Avaliamos que Samuel fez um desenho de proposição, pois apresenta de uma forma nova aqueles elementos que foram apropriados do desenho animado que ele assistiu, com alto grau de desenvolvimento técnico.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente Trabalho de Conclusão de Curso possibilitou uma análise a respeito das fases de desenvolvimento do desenho infantil. Diante disso, primeiramente apresentamos ideias basilares de Luquet (1969) sobre o desenho infantil, relacionando com exemplos e conclusões feitas por Rodrigues (2010) em sua investigação, bem como, com desenhos que selecionamos do Museu Virtual do Desenho da Criança. Luquet (1969) apresenta que o desenho é dividido em quatro etapas: A primeira é o Realismo fortuito, na qual é caracterizado por desenhos com diversas linhas, na qual a criança não tem consciência de que as mesmas linhas podem representar objetos. A segunda etapa é o Realismo falhado, caracterizado quando os elementos do desenho estão apenas justapostos, sem uma ordenação do todo do desenho. Já a terceira etapa, é o Realismo intelectual, onde estão presentes características como a transparência e a planificação. E por fim, a última etapa, o Realismo visual, marcado pela riqueza de detalhes do desenho, como por exemplo, a questão das perspectivas, onde desenham apenas aquilo que é possível ver.

Em seguida, apresentamos as ideias de Lavelberg (2013), destacadas em seu livro "Desenho na Educação infantil". A escrita da autora proporcionou a compreensão sobre os desenhos produzidos pelas crianças durante a educação infantil. Para ela, o desenho é dividido em cinco etapas: O primeiro é o Desenho de Ação, caracterizado pela ordenação de linhas sem significado simbólico. O segundo é o Desenho de Imaginação I, caracterizado pela presença de imagens com significados simbólicos, mas desenhados separadamente no papel. A terceira etapa é o Desenho de Imaginação II, quando a criança consegue relacionar os objetos com significados simbólicos, mas de forma que as imagens compõem um todo no desenho. E a quarta etapa é o Desenho de apropriação, onde a criança tende a se apropriar do desenho, é nesta etapa que se tornam também presentes a reprodução de desenhos de super-heróis. E a última etapa, é o Desenho de proposição, caracterizado pela capacidade da criança de desenvolver suas próprias criações, além de estar presente muitos detalhes em relação ao objeto em que está desenhando.

Consideramos que as etapas de desenvolvimento do desenho infantil que são apresentadas por Luquet (1969) e Iavelberg (2013) são semelhantes, apesar de serem apresentadas com diferentes nomenclaturas. Conforme demonstramos no quadro comparativo a seguir, há uma correspondência entre elas.

Tabela 1 - Comparação das etapas de desenvolvimento do desenho infantil para Luquet e Iavelberg

LUQUET (1969)	IABELBERG (2013)
Realismo fortuito	Ação
Realismo falhado	Imaginação I
Realismo intelectual	Imaginação II
Realismo visual	Apropriação
	Proposição

Fonte: Elaboração nossa.

No decorrer de nossa pesquisa, passamos a perceber a necessidade de valorizar os desenhos das crianças, desde seu início, passando também a considerar todas as suas tentativas e observando cada traçado. Para que ocorra o desenvolvimento do desenho infantil, os professores podem incentivar os alunos em suas criações, propiciando condições adequadas para que avancem em seus desenhos, o que prescinde da apresentação de diferentes referências de imagens, temáticas e histórias, materiais riscantes e suportes, bem como orientação técnica. Sendo assim, a prática do professor precisa conter elementos em que os alunos possam se envolver em atividades criativas e estimuladoras, favorecendo então a aprendizagem e o desenvolvimento.

5 - REFERÊNCIAS

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

RODRIGUES, Melissa Haag. Análise do desenho infantil segundo as ideias de Luquet. **Revista da UNIFEBE**, [S.l.], v. 1, n. 8, p. 19-34, jan. 2017. ISSN 2177-742X. Disponível em: <<https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/revistaeletronicadaunifebe/article/view/542>>. Acesso em: 05 out. 2020.

IABELBERG, Rosa. **Desenho na Educação Infantil**. 1. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013. v. 1. 143p.

LUQUET, George Henri. **O Desenho Infantil**. Tradução de Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Editora do Minho: Barcelos, 1969. p. 5-11

MUSEU Virtual do Desenho da Criança. 2021. Disponível em: <http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/museudodesenho/>, Acesso em 10/04/2021.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018a.

ZOPELARI, L. F. P. **Desenho: uma forma de desenvolvimento infantil**. Faculdade de educação São Luís. Jacoticabal – SP, 2007. Disponível em: http://www.portaldosprofessores.ufscar.br/biblioteca/112/artigo_desenho_livre_lauri_2_1_.pdf. Acesso em: 24 set. 2020.

